



Caiu na rede é peixe: a *Revista de Antropofagia* devorando os modernistas

Helaine Nolasco Queiroz*

Introdução

Um projeto editorial periódico é, quase sempre, coletivo. O agrupamento de indivíduos se apresenta desde o corpo editorial, formado por editor, redator e revisor, até aos colaboradores, sem esquecer a intervenção de tipógrafo e de outras pessoas, até a chegada ao formato final e aos múltiplos leitores. Beatriz Sarlo nota que o caráter coletivo de uma revista se traduz no convite feito por conselho editorial, no plural: “Publiquemos una revista”.

A *Revista de Antropofagia* é, como muitos projetos editoriais, um local de reunião de intelectuais. Seu caráter coletivo não se manifesta apenas na heterogeneidade de seus textos, assinados por dezenas de escritores, e pelas suas imagens, reproduções de obras de artistas modernistas, mas também fora de suas páginas propriamente ditas, em ocasiões que permitem que esses intelectuais se conheçam e que sejam convidados para colaborar na publicação. Assim, é necessária a existência de espaços fora das páginas mesmas do periódico para que os colaboradores se encontrem e decidam aderir à causa antropófaga.

Há inúmeras formas de perceber como se dão as desavenças e as camaradagens em determinado meio intelectual. Dentro da *Revista de Antropofagia* mesmo, por exemplo, saem diversas notícias e notas que permitem perceber o alcance da rede e como ela se articula. Fora das páginas da revista, uma fonte rica para observar a dinâmica da rede intelectual é a correspondência trocada entre colaboradores, destacando-se a missiva do diretor Antônio de Alcântara Machado, a do idealizador do empreendimento, Oswald de Andrade e a de outros modernistas mais próximos do projeto, como Mário de Andrade. O diretor antropófago da primeira “dentição” troca cartas com Alceu Amoroso Lima, Mário de Andrade, os escritores da revista *Verde*, de Cataguases (Minas Gerais), dentre outros. Ele também escreve uma carta convidando o pintor argentino Xul Solar a aderir à causa, o que demonstra que a rede intelectual se estendeu para fora do Brasil. Mário de Andrade é um dos que se envolve no projeto na primeira “dentição”, tratando do mesmo na correspondência com Antônio de Alcântara Machado, Manuel Bandeira, Tristão de Athayde e com os redatores da revista

* Doutoranda no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Bolsista Capes.



Verde. Ele também troca cartas com a artista plástica Tarsila do Amaral, companheira, no período, de Oswald de Andrade. A escassa correspondência preservada no arquivo desse último, por seu turno, mostra também a troca de informações entre intelectuais, ajudando no entendimento da dinâmica de convites para colaboração, das amizades e das desavenças por trás do projeto editorial, dentre outros aspectos.

As notícias, notas e críticas estampadas em jornais do período são também fontes para estudar sobre quem leu o periódico e comentou a seu respeito. Memórias, por seu turno, possibilitam perceber como se dão as relações de camaradagem e desafeto entre os envolvidos no empreendimento. Além disso, a rede de camaradagem é percebida, por exemplo, nas dedicatórias e nos prefácios dos livros que são lançados antes e durante a existência da *Revista de Antropofagia*. Por fim, locais comuns onde os intelectuais circularam, como redações de jornais, cafés, exposições, banquetes, dentre outros, podem deixar crônicas ou simples referências que ajudam a entender onde os modernistas se encontraram.

O objetivo deste texto é trabalhar com essas fontes no intuito de perceber como se deu o sistema de camaradagem em torno do periódico e como os dissabores, especialmente na segunda “dentição”, levam ao afastamento de vários intelectuais e ao isolamento literário de Oswald de Andrade, idealizador da proposta, retraimento que é reportado por familiares do intelectual.

Primeira dentição

A *Revista de Antropofagia* tem dois formatos, chamados de “dentições”, e se espalha pelo Brasil através de referências em outros periódicos, contando com dezenas de adesões. A primeira “dentição”, em forma de revista propriamente dita, conta com uma tiragem de dez edições mensais, publicadas entre maio de 1928 e fevereiro de 1929, sob a direção de Antônio de Alcântara Machado e gerência de Raul Bopp. Trata-se de uma publicação com oito páginas, de formato relativamente padronizado que, apesar de apresentar preço em seu cabeçalho, na primeira página, parece circular para um grupo pequeno de pessoas, principalmente através do envio para leitores seletos. Tendo um formato padronizado desde o primeiro até o décimo número, a revista recebe contribuições em forma de poesia, prosa, ensaio e haikai, e reproduz imagens de artistas plásticos, em sua maioria, brasileiros.

Algumas dezenas de intelectuais brasileiros colaboram e se envolvem na confecção e nas discussões travadas na e sobre a *Revista de Antropofagia*. Em termos de colaboração, na



primeira fase da publicação há um número de aproximadamente sessenta intelectuais, em sua maioria de São Paulo, mas também do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Ceará e outros estados do Brasil. Os que colaboram com manifesto, prosa, ensaio ou poema são, nesse período: Abgar Renault, Abguar Bastos, Achilles Vivacqua, Alberto Dezón, Álvaro Moreyra, Antônio de Alcântara Machado, Augusto Meyer, Augusto Frederico Schmidt, Ascânio Lopes, Azevedo Correa Filho, Ascenso Ferreira, A. de Almeida Camargo, A. de Limeira Tejo, Brasil Pinheiro Machado, Carlos Drummond de Andrade, Charles Lúcyfer, China, Emílio Moura, Fidelis Florêncio, Franklin Nascimento, F. de Santiago Dantas, Guilherme de Almeida, Guilhermino César, Henrique de Resende, Jayme Griz, João Alphonsus, João do Presente, João Dornas Filho, Jorge de Lima, Jorge Fernandes, José Américo de Almeida, Josué de Castro, Júlio Paternostro, Luis da Câmara Cascudo, Manuel Bandeira, Marques Rebello, Mário de Andrade, Mário Graciotti, Mateus Cavalcante, Menotti del Picchia, Murilo Mendes, Nicolás Fusco Sansone, Oswald de Andrade (também com o pseudônimo de João Miramar), Oswaldo Costa, Pedro Dantas, Pedro Nava, Peryllo Doliveira, Plínio Salgado, Prudente de Moraes Neto, Raul Bopp (Jacob Pim Pim), Rosário Fusco, Rubens de Moraes, Ruy Cirne Lima, Sebastião Dias, Sérgio Milliet, Silvestre Machado, Ubaldino de Senra, Walter Benevides e Yan de Almeida Prado. Dentre os que não contribuíram diretamente, mas foram citados em propagandas ou em críticas, estavam: A. C. Couto de Barros, Cassiano Ricardo, Darcy Azambuja, Francisco T. Peixoto, Heitor Alves, Humberto Zarrilli, L. Souza Costa, Manuel de Abreu, Octávio de Sá Barreto, Paulo Prado, Pedro Juan Vignale, Tristão de Athayde e Vargas Neto. As ilustrações são de Tarsila do Amaral, Maria Clemência, Rosário Fusco e Antônio Gomide.

Na primeira “dentição”, há uma heterogeneidade de discursos em torno da proposta, o que não permite um aprofundamento do conceito “antropofagia”. Algumas interpretações estão, inclusive, em contradição com a linha mestra do programa, explícita no *Manifesto Antropófago*. Os colaboradores e suas ideias são os mais variados. A revista, nessa fase, segundo Augusto de Campos, é “marcada por uma consciência ingênua”. Oswald se encontra quase sozinho e “nos dez primeiros números, o único texto que se identificava plenamente com as ideias revolucionárias do manifesto (Antropófago) era A ‘Descida’ Antropofágica, artigo assinado por Oswaldo Costa” (CAMPOS, 1975). Augusto de Campos reconhece a importância de outros textos, como o fragmento de *Macunaíma*, o radical *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, *Sucessão de São Pedro*, de Ascenso Ferreira, *Noturno da rua da Lapa*, de Manuel Bandeira, *República*, de Murilo Mendes, entre outros.



Esses textos se entremeiam, contudo, com outros de Plínio Salgado e Yan de Almeida Prado “sem aparente indigestão” ou de Peryllo D’oliveira e Augusto Frederico Schmidt. Alcântara Machado faz elogio da obra de Menotti del Picchia e, mesmo Oswald de Andrade, em entrevista dada para *O jornal*, elogia Plínio Salgado e Tristão de Athayde, futuros rivais do grupo (BOAVENTURA, 1990: 44).

Oswald de Andrade, o idealizador do empreendimento, participa dos eventos relativos ao modernismo desde a década anterior. Ele está presente na Semana de Arte Moderna de 1922, escreve para diversas revistas e jornais do país, dentre eles a famosa *Klaxon*, e publica obras literárias de destaque no período, como *Os condenados*, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, *Pau-Brasil* e *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. No entanto, não está no Brasil durante boa parte do período em que a primeira “dentição” circula. Ele viaja para a Europa em maio de 1928, deixando entrevistas em jornais do Rio de Janeiro sobre a publicação e, segundo Antônio de Alcântara Machado, levando o primeiro exemplar debaixo do braço. Colabora desde a Europa, enviando um artigo intitulado *Esquema ao Tristão de Athayde*, em resposta a um texto desse autor n’*O Jornal*, do Rio de Janeiro, intitulado *Esquema de uma geração*. Oswald de Andrade só retorna ao Brasil em agosto de 1928 e, a partir de sua volta, a revista vai tomando uma direção diferente da então proposta por Alcântara Machado.

Antônio de Alcântara Machado é o diretor da primeira “dentição”. Escreve para o *Jornal do Comércio* no mesmo período em que também o faz Oswald de Andrade, provavelmente tendo o conhecido ali. Em 1926 publica *Pathé Baby*, com prefácio de Oswald de Andrade e, no ano seguinte, *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda*. Seu livro *Laranja da China* é amplamente anunciado na revista e é ele quem especialmente faz contato com outros intelectuais expedindo exemplares e convidando colaboradores. Além dos editoriais dos dez números da primeira “dentição”, Alcântara Machado também é responsável pelas críticas literárias, tratando de obras de Pedro Juan Vignale, Jorge Fernandes, Jorge de Lima, Cassiano Ricardo, Rui Cirne Lima, Julio Paternostro, Darcy Azambuja, Augusto Frederico Schmidt, Luis da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Manuel de Abreu, Augusto Meyer, Menotti del Picchia, Vargas Neto, Charles Lúcyfer, Tristão de Athayde, Heitor Alves, Ascânio Lopes, Guilhermino César, Francisco I. Peixoto, Rosário Fusco e dos participantes da revista *Verde*, de Cataguases.

É ele também que propicia as poucas colaborações de uruguaio e argentino na revista. Uma delas é a de María Clemência López-Pombo, única estrangeira a ter um desenho



reproduzido na publicação. Ligada ao grupo ultraísta argentino, ilustra *Entrada de Macunaíma*, do livro *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, lançado em agosto de 1928. Tudo indica que María Clemencia atua como intermediária nas relações entre intelectuais do Brasil, Argentina e Uruguai. No quinto número da *Verde*, de janeiro de 1928, há um desenho acompanhado de sua apresentação e, no de maio de 1929, há uma ilustração de sua autoria, além de seu retrato, feito por Norah Borges. Marques Rebelo informa que María Clemencia era namorada de Rosário Fusco e lhe enviava linóleos e desenhos. Provavelmente enviava também publicações à revista de Cataguases, pois consta no último número seu oferecimento, ao grupo de *Verde*, de *La Gaceta Literaria*, de Madri.

Na correspondência trocada entre os redatores de *Verde* e Mário de Andrade, Ascânio Lopes dedica a María Clemencia um poema intitulado *Argentina*. Rosário Fusco, por seu turno, não aprecia seus desenhos, revelando: “não gosto nada não do que ela faz” (MENEZES, 2013: 180). Segundo Raul Antelo, no acervo de Mário de Andrade é possível encontrar alguns desenhos de María Clemencia, o que mostra a ligação da escritora e desenhista com esse autor que, tendo um capítulo de sua rapsódia publicado na *Revista de Antropofagia*, o ilustra com o desenho da argentina. O diretor antropófago mantém intensa correspondência e contato tanto com Mário de Andrade quanto com os redatores da *Verde*, o que revela a possível ponte que possibilita a colaboração de María Clemencia na publicação.

É provavelmente Alcântara Machado quem viabiliza a publicação de um poema do uruguaio Nicolás Fusco Sansone, *La gracia del amor puro*, no segundo número da revista. Sansone, segundo Ildefonso Pereda Valdez, é familiar do mineiro Rosário Fusco, redator da revista *Verde* remetendo, mais uma vez, à rede de intelectuais que liga São Paulo, Cataguases, Montevideu e Buenos Aires. É provavelmente através desse último que Antônio Alcântara Machado toma contato com a obra do uruguaio, editor da revista vanguardista *El Camino*.

Alcântara Machado também critica o livro *Sentimiento de Germana*, de Pedro Juan Vignale; *Montevideo y su cerro*, do também uruguaio Adolfo Montiel Ballesteros; *La trompeta de las voces alegres*, do uruguaio Nicolás Fusco Sansone; e *Libro de imágenes*, publicado em Montevideu em 1928, de Humberto Zarrilli. É o diretor que parece fornecer a ligação entre a *Revista de Antropofagia* e os intelectuais platenses na primeira detenção. Suas leituras demonstram a chegada de uma rede de publicações ao Brasil, provavelmente auxiliada pela proximidade física entre o sul do país, o Uruguai e a Argentina. Essas obras lidas por Alcântara Machado, por seu turno, são provavelmente remetidas pelos próprios autores, fazendo parte de uma rede de camaradagem intelectual conectada pelo envio de



cartas, obras, desenhos e recortes de jornal, envolvendo tanto laços de amizade quanto relações amorosas.

Patrícia Artundo esclarece sobre a existência de uma carta de Antônio Alcântara Machado, convidando o pintor argentino Alejandro Xul Solar a participar da *Revista de Antropofagia*, de 17 de maio de 1928, além dos três primeiros números da revista no arquivo documental de Xul Solar, provavelmente enviados por Alcântara Machado. É possível que Oswald de Andrade também tenha tido contato com Xul Solar, informação, contudo, difícil de precisar, já que o idealizador da *Revista de Antropofagia* manteve apenas uma pequena parte de sua correspondência, havendo poucas cartas suas no seu fundo no Instituto de Estudos Literários, da Universidade Estadual de Campinas. Há, ainda, desenhos da pintora Tarsila do Amaral, remetidos a Norah Lange, o que mostra mais uma vez o alcance da rede antropófaga na área platense.

Mário de Andrade é outro escritor bastante envolvido na primeira “dentição”. Apesar de apenas colaborar na publicação, deixando claro, em carta a Manuel Bandeira, que não tem interesse em se envolver a fundo no projeto antropófago, em sua missiva com esse escritor carioca, com Antônio de Alcântara Machado e com Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) deixa implícita sua intenção em direcionar a revista, distribuí-la e buscar colaboradores. Também envolvido com o modernismo desde a década anterior, tendo participado da Semana de Arte Moderna e debatido sobre a adoção do conceito “modernismo”, Mário de Andrade escreve, a partir de 1927, para o *Diário Nacional*, na sessão de *Arte* e depois assume, entre dezembro de 1928 e março de 1929, a coluna *O turista aprendiz*. Publica livros que são referência para a compreensão do modernismo, como *A escrava que não era Isaura* e *Pauliceia Desvairada* e, em 1928, lança *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*, cujos primeiros parágrafos aparecem na *Revista de Antropofagia*. Também colabora, na primeira “dentição”, com os textos *Ensaio sobre a música brasileira*, *Romance de Veludo*, *Lundu do escravo*, *Lundu do escritor difícil* e *Antropofagia?*. Mário de Andrade é, depois de Alcântara Machado, o autor que mais colabora na revista, o que mostra o seu envolvimento no projeto, apesar de sua intenção em se manter afastado do empreendimento.

Sua obra, *Macunaíma* é, inclusive, imediatamente cooptada pelo grupo antropófago através das falas de Oswald de Andrade, Alcântara Machado e Oswald Costa, sendo caracterizado como uma obra essencialmente “antropófaga”. O primeiro considera que Mário escreveu a “nossa Odisseia e criou numa tacapada o herói cíclico e por cinquenta anos o



idioma poético nacional”, ao escrever Macunaíma, “a maior obra nacional” (ANDRADE, 1928: 3). O segundo avalia o livro como bom e oportuno, já que chega para “por no seu devido lugar a famigerada brasilidade, através da qual correm muados e errados desde muitos anos os escritores deste Brasil tão imenso mas tão arraial ainda”. Ele tem “tanta moleza, tanta semvergonhice, tanta bazófia bem nossas e talvez só nossas”, o que faz com que mereça o título de “Rapsódia nacional (como o bem rolado) de lendas, de anedotas, de cheiros, de tudo. A língua, então, é a mais poética possível. Parece uma música. O violão sempre acompanhando” (MACHADO, 1928: 4). Oswaldo Costa aquiesce com os elogios anteriores e acrescenta outros do mesmo teor.

No entanto, na correspondência com Alcântara Machado e Manuel Bandeira, Mário de Andrade explicita sua tentativa de desvencilhar o livro dos laços com a antropofagia.

Macunaíma vai sair, escrito em dezembro de 1926, inteirinho em seis dias, correto e aumentado em janeiro de 1927, e vai parecer inteiramente antropófago... Lamento um bocado essas coincidências todas, palavra. Principalmente porque Macunaíma já é uma tentativa tão audaciosa e tão única (não pretendo voltar ao gênero absolutamente), os problemas deles são tão complexos apesar dele ser um puro divertimento (foi escrito em férias e como férias) que complicá-lo ainda com a tal da antropofagia me prejudica bem o livro. Paciência. (FERNANDES, 1965: 30)

A *Revista de Antropofagia* estende sua rede para outros estados do Brasil, tecendo contatos com intelectuais do nordeste, especialmente do Rio Grande do Norte, onde nasce Luis da Câmara Cascudo, e de Pernambuco, terra de Ascenso Ferreira. No Rio de Janeiro há diversos escritores simpatizantes da causa, destacando-se Manuel Bandeira, que publica um *Convite aos antropófagos* e *Noturno da rua da Lapa*. De Belo Horizonte, Carlos Drummond de Andrade envia o controverso poema *No meio do caminho* para a publicação, saindo na primeira página do terceiro número, além de contribuir com *Porque amamos nossos filhos* e *Anedotas da Bulgária*. Também participam os belorizontinos Abgard Renault e Pedro Nava. Os mineiros da *Verde*, Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Guilhermino César e Henrique de Resende, também são colaboradores assíduos nessa fase, provavelmente por meio de Antônio de Alcântara Machado, com o qual trocam correspondência pedindo exemplares atrasados, solicitando a publicação de textos e enviando livros e divulgando a revista por Minas Gerais. De Porto Alegre, contribui Augusto Meyer, com *Fim da Linha*, *Serenata*, *Oração ao negrinho do pastoreio* e *Coro dos satisfeitos acompanhado pelo Zé Pereira do Bom Sucesso*. As contribuições desses autores geralmente vêm acompanhadas da referência a seus locais de origem, na tentativa provável de situar o leitor quanto à naturalidade dos colaboradores e



também de demonstrar o alcance da rede pelo Brasil. Os poemas, principalmente, têm dedicatórias, mais uma vez mostrando a camaradagem e o diálogo entre colaboradores. Por seu turno, os anúncios de livros também mostram a rede de camaradagem, que se estende por todo o país.

Como já explicitado, a primeira “dentição” é heterogênea em termos de colaborações. Há textos ensaísticos de Plínio Salgado, e a publicação de trechos do livro *Os três sargentos*, de Yan de Almeida Prado, além do poema *Caetés* de Menotti del Picchia, contribuições pouco “modernas” e “radicais” se comparadas àquelas a que faz referência Augusto de Campos.

Há poucas críticas e desentendimentos entre os modernistas. Além da crítica a Tristão de Athayde, feita por Oswald de Andrade, há um artigo de Pedro Dantas criticando o mesmo autor carioca. E há um artigo intitulado *Abrideira*, de Mateus Cavalcante (pseudônimo de Prudente de Moraes Neto), no sétimo número, comentando uma conferência proferida por Ronald de Carvalho em 1928, na Embaixada dos Estados Unidos, no Rio de Janeiro, para o embaixador dos Estados Unidos da América, Edwin Morgan, evento documentado fartamente pela revista *Ilustração Brasileira*. Ronald de Carvalho é um dos palestrantes de honra em vista de sua atividade diplomática e ministra uma conferência intitulada *A poesia da América*. Prudente de Moraes Neto critica a atribuição dada por Ronald de Carvalho ao poeta americano e faz troça da “missão do entusiasmo”.

A partir do quinto número, o caráter iconoclasta e satírico da revista começa a se radicalizar, dando já mostras do posterior desenvolvimento da proposta. Um dos exemplos é o aviso publicado por Oswald de Andrade (sob o pseudônimo do protagonista de um dos seus livros) na primeira página do sétimo número, de novembro de 1928, quando já se pode ver a *blague* com outros modernistas, nesse caso, com Mário de Andrade.

SAIBAM QUANTOS

Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Mário de Andrade é o pior crítico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. De que dou esperança, João Miramar. (MIRAMAR, 1928: 1)

A partir desse momento, crescem as provocações para com outros autores modernistas, o que levará ao fim do período da “festa modernista”, como o chamou Maria Eugênia Boaventura, que reúne a maior parte dos modernistas atuantes no período. O fim da primeira “dentição” marca o rompimento de grande parte da camaradagem da confraria. O início da segunda “dentição” é marcado pela intervenção mais clara de Oswald de Andrade e,



com ele, o projeto vai sofrer intensas modificações, além de uma radicalização que irá cortar os laços da rede construída no primeiro momento.

Segunda dentição

Em agosto de 1928, Oswald de Andrade volta da Europa, onde estava apoiando a exposição de pinturas de sua companheira, Tarsila do Amaral. Ele participa pouco da primeira fase, tendo sua volta estreita relação com o radicalismo que a revista vai apresentar na segunda “dentição”. Se a partir do quinto número da primeira “dentição”, podemos ver o tom mais ácido de troça quanto aos companheiros modernistas, com o fim dessa fase, a radicalização se exacerba e a revista passa a “deglutir” os próprios modernistas.

A partir de 17 de março de 1929, um mês depois de finda a primeira fase, a *Revista de Antropofagia* passa a ser publicada como parte do jornal *Diário de São Paulo*, ocupando uma de suas páginas e se estendendo até o número 16, de primeiro de agosto do mesmo ano. A fase, dessa vez semanal, é chamada de segunda “dentição” e o “açougueiro” passa a ser Geraldo Ferraz. A direção fica a cargo de Jaime Adour da Câmara e de Raul Bopp. Esclarece Maria Eugênia Boaventura:

Quando Oswald decidiu levar à frente a segunda fase da revista não contava com a colaboração dos paulistas identificados com o Partido Democrático, principalmente Antônio Alcântara Machado e Mário de Andrade. Oswald refez a revista no Diário de São Paulo, (apesar de este ser um jornal de oposição), cujo diretor, Rubens do Amaral, inicialmente não via como a literatura antropofágica pudesse atrapalhar a política geral. (BOAVENTURA, 1990: 135)

A grande imprensa de São Paulo está dividida, no período, em aproximadamente uma dúzia de folhas, entre as quais *O Estado de São Paulo*, *A Gazeta*, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde*, *Última Hora* e *Diário Popular*. Muitas delas abrem suas páginas à colaboração de intelectuais modernistas. O mais tradicional jornal do período é o *Correio Paulistano*, porta-voz do *Partido Republicano Paulista*, lançado em 1854, folha que mais ênfase deu à Semana de Arte Moderna de 1922 e onde escrevem Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Cândido Motta Filho entre 1926 e 1927, formando o grupo *Verdeamarelo*. O *Diário Nacional*, lançado em 1927, recebe a colaboração de Mário de Andrade com a sessão de arte e a posterior coluna *Turista Aprendiz*. No *Jornal do Comércio* escrevem Oswald de Andrade e Antônio Alcântara Machado, tendo provavelmente se conhecido ali. O *Diário de São Paulo* é um jornal oposicionista recente, fundado em 05 de



janeiro de 1929 por Assis Chateaubriand, que conquista o público com distribuição gratuita por um mês a assinantes potenciais. É dirigido por Rubens do Amaral, que parece achar necessária a presença de um escritor modernista em suas páginas, concordando com a publicação da *Revista de Antropofagia*, como uma espécie de suplemento literário. Obviamente tais escritores diversificam seus escritos, havendo contribuições de Oswald de Andrade, por exemplo, no *Correio Paulistano*. No entanto, há certa identidade entre determinada folha e um escritor ou grupo paulistano.

Com a transferência para o *Diário de São Paulo*, a visibilidade do empreendimento aumenta e a censura externa (de leitores fora do círculo modernista) pode ocorrer com mais agudez. Seu público leitor não está interessado especificamente na produção artística/literária. Ainda que seja parte de um grupo restrito de alfabetizados frente à maioria da população iletrada do país, lê o jornal a procura de assuntos diversos, tais como política, esporte e notícias locais. Os possíveis leitores da segunda “dentição” são, portanto, parte de um público maior, menos especializado e talvez menos tolerante às inovações e deboches que se agudizam.

O incremento na visibilidade do projeto pode pressupor o desejo de que as discussões lançadas não se restrinjam apenas ao meio modernista. Oswald de Andrade explicita esse desejo antes mesmo do lançamento da primeira fase, em uma entrevista dada a *O jornal*, do Rio de Janeiro, em 18 de maio de 1928: “Terá vida mais duradoura? Virá mesmo, de encontro a um desejo da massa?” (BOAVENTURA, 1990: 47). O anseio de ser lido pelas massas pressupõe, ao menos teoricamente, uma preocupação de que as teorias da antropofagia não se restrinjam a um círculo limitado, mas que atinjam um número maior de leitores, nos levando a questionar o alcance obtido pelo grupo modernista junto a um público não especialista.

Raul Bopp, que escreve sob o pseudônimo Jacob Pim Pim o poema *Vacca Christina*, na fase anterior e que, na segunda “dentição”, contribui com poemas que depois farão parte do seu livro *Cobra Norato*, publicado em 1930, ao narrar as memórias da revista, esclarece como se deram as decisões para mudanças tão radicais, em termos de formato, conteúdo e colaboração:

Viu-se que o movimento antropofágico necessitava de reajustamentos na sua orientação. Em vez de piadismos ligeiros, em torno de assuntos em debate, o grupo deveria fixar-se em análises mais sérias. Achou-se também, que seria conveniente captar maior interesse público para as ideias básicas do movimento. A sua divulgação teria, naturalmente, maior alcance através de algum órgão idôneo da imprensa paulista. (BOPP, 1997: 43)



No novo formato da revista participaram novos intelectuais como: Adrião Pater, Antônio Garrido, Aristides Silva, Antônio Salles, Barbosa Rodrigues, Benjamim Peret, Bernard Shaw, Calisto Eloy, Cícero Dias, Edmundo Lys, Eneida, Fábio Luz, Felipe Camarão, Francois Maurice, Galeão Coutinho, Garcia de Resende, Genuíno de Castro, Geraldo Ferraz, Hannibal Machado, Heitor Marçal, Hermes Lima, Humberto de Campos, Jaime Adour da Câmara, João Calanzas, João Groff, João Ribeiro, Jorge Simmel, José Piragibe, Júlio Dante, Luiz de Castro, Marcel Boulener, Mário Pinto Serva, Millet Paristies, Nelson Foot, Oliveira Viana, Paulo Sabaraté, Pontes de Miranda, Silvestre Martins, Sylvio Carol e Tasso da Silveira. Muitos autores da primeira fase desapareceram, sendo o caso de Mário de Andrade (que ainda é citado na propaganda de um de seus livros), Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e do próprio Antônio de Alcântara Machado, entre outros. Essa fase apresenta ilustrações de Di Cavalcanti, José Oiticica, Pagu e Tarsila do Amaral.

Dois aspectos interessantes da segunda “dentição” são a existência de artigos não assinados e o aparecimento de um grande número de pseudônimos (o que praticamente não existe na primeira), podendo-se citar: Adão e Eva, Do açogue, Dos tupinambás, Guilherme da torre de marfim, Seminarista voador, Um antropófago, Um pai, Um que se defende, Coroinha, Freuderico, Jaboti, Jacob Pim-pim, Japy Mirim, Marxillar, Menelik, M.R., Odjavu, Pão-de-Ló, Piripiri, Porquemada, Pronominare, Rodovalho, Tamandaré (pseudônimo de Oswald Costa), Pagé Mucurutu, YKO, Braz Bexiga e Pinto Calçudo (pseudônimos de Oswald de Andrade). Isso pode indicar desde um mascaramento na diminuição de autores, já que muitos abandonam o projeto, até a ideia de que textos não assinados (ou assinados com pseudônimos) representam a ideia do grupo e não a de um autor específico. Eles podem também, obviamente, servir para encobrir, proteger e dar liberdade aos colaboradores, dado o radicalismo de suas ideias. O grande número de pseudônimos impede saber ao certo quem escreve sobre o quê. As memórias de alguns antropófagos ajudam a esclarecer quem são os “sete cavaleiros da antropofagia”: os colaboradores mais assíduos são Oswald de Andrade, Oswald Costa, Raul Bopp, Jaime Adour da Câmara e Geraldo Ferraz.

Uma das primeiras desavenças se dá com o diretor da primeira “dentição”. O afastamento de Antônio de Alcântara Machado não parece ter sido amigável. Em carta a Alceu Amoroso Lima, Alcântara Machado deixa clara sua mágoa quanto ao seu alheamento da nova fase:

Em março o Rubens do Amaral procurou o Bopp para ambos irem ao meu escritório pois o Rubens queria me propor a publicação da revista no Diário de São



Paulo. Eu me encontrava no Rio. Que faz o Bopp? Entende-se com o Oswald e telefona para aí propondo que se acabasse com a Antropófaga. Na Agência Brasileira, na presença do Sérgio e do Facó, eu concordei. No dia seguinte o Bopp comunica ao Rubens que eu me desinteressava da revista mas que ele Oswald de Andrade e Oswaldo Costa se incumbiriam de sua publicação no jornal.

Quando aí no Rio tive conhecimento da nova fase da Antropófaga fiquei surpreso mas pouco me incomodei. Percebi logo que seria uma safadeza e calei-me. O Rubens me conta a história que o Mário, o Couto de Barros e o Paulo Prado confirmaram. Aos três últimos o Oswald havia declarado que eu autorizei a publicação da revista no Diário e concordava com minha saída e a indicação de um novo diretor, o irresponsável mulato Geraldo Ferraz. (BARBOSA, 2001: 83)

O afastamento de Mário de Andrade, por seu turno, parece se dar por uma disputa pela direção do movimento modernista. Apesar de todos os elogios à obra e ao autor, Mário de Andrade passa a ser duramente criticado, considerado “o cérebro mais confuso da crítica contemporânea”, acusado de compadrismo com os escritores da revista *Verde* e acaba “rebaixado”, de autor de *Macunaíma* a mero inventor de sua capa, tendo apenas compilado uma série de lendas amazônicas. Ao que parece, surgem também, no meio modernista, alusões a sua homossexualidade, que ferem sobremaneira o autor de *Macunaíma*. Em carta a Manuel Bandeira, Mário se queixa da exposição sobre sua vida privada.

Está claro que eu nunca falei a você sobre o que se fala de mim e não desminto. Mas em que podia ajuntar em grandeza ou melhoria para nós ambos, pra você, ou pra mim, comentemos e eu elucidar você sobre minha tão falada (pelos outros) homossexualidade? Em nada. Valia de alguma coisa eu mostrar um muito exagero que há nessas contínuas conversas sociais não adiantava nada pra você que não é indivíduo de intrigas sociais. (MORAES, 2000: 386)

Carlos Drummond de Andrade sai em defesa do amigo e também é surrado, manifestando depois a opinião de que “um poema não vale uma boa amizade”. O ataque aos escritores faz avançar o rompimento destes com o grupo. Maria Eugênia Boaventura resume a briga entre Mário e Oswald a uma disputa por liderança: “por trás das agressões mútuas afluía de fato o desejo narcísico de definir o condutor do Modernismo” (BOAVENTURA, 1995: 140).

O caso de Paulo Prado também é interessante. A crítica a seu livro *Retrato do Brasil* é feita por Antônio de Alcântara Machado na primeira “dentição”, que o considera severo, mas admirável. Na segunda “dentição”, contudo, Tamandaré (Oswaldo Costa) tece comentários muito mais radicais, dizendo que “o livro é ruim, não vale um caracol, está cheio de injustiças e inverdades” e considerando Paulo Prado um “artista romântico, sofredor”, cândido e



ingênuo, dentre outros. Paulo Prado, apesar de ser bastante amigo de Oswald de Andrade, quando lê as críticas, rompe definitivamente com ele.

No jornal *Estado de Minas*, há uma nota de 12 de maio de 1929, comentando sobre as desavenças em torno da revista.

Em São Paulo, no Rio e outras cidades desenrola-se um espetáculo triste, de pequenas rivalidades. Até hoje o Modernismo tem sido assim: se um sujeito chega a conseguir um renomezinho mais avultado, pau nele. Só assim é que se explica a revolta antropofágica contra certos escritores paulistas de mais fama. Pau neles. Ou é assim, ou assado. (BOAVENTURA, 1985: 42)

Os escândalos, típicos da vanguarda, são sentidos com profundidade na segunda “dentição”. Nesse momento, a contundência do projeto antropófago destrói a chamada “festa modernista”, de colaboração heterogênea de autores. A coletividade não se mantém sem conflitos. Ao contrário, eles se agudizam e o radicalismo não deixa margem para meias ações, tratando-se de “ou tudo ou nada”.

A mudança na periodicidade também muda o ritmo das colaborações, sendo possível debater questões com muito mais rapidez, fazer provocações ou responder a críticas quase que na imediaticidade dos acontecimentos, sem ter que esperar o mês seguinte para réplicas ou tréplicas. Nesse sentido, a virulência que o semanário apresentou nessa fase fez mais sentido com a periodicidade semanal. As situações podiam ser debatidas no “calor dos acontecimentos” levando, inclusive, ao caso extremo de Yan de Almeida Prado, que processa a revista por calúnia, perdendo, contudo, a ação (BOAVENTURA, 1985: 207).

Fim da Antropofagia

Além das duas fases da *Revista de Antropofagia*, o projeto antropófago se estende para uma terceira fase, em que se propõe a expansão dos preceitos antropófagos por meio da realização de um Congresso de Antropofagia, no Espírito Santo, e a criação de uma bibliotequinha antropofágica e de um sistema métrico baseado no berro, dentre outras ações. No entanto, esses projetos não têm continuidade e a “antropofagia” acaba em 1929.

Raul Bopp, nas memórias sobre a antropofagia, diz que, dentre os fatores para o fim da revista, estão seu radicalismo e agressividade, seus maiores méritos. É em virtude desse radicalismo, que zomba da Igreja Católica e faz apologia do divórcio, do amancebamento, da posse contra a propriedade e de uma série de estigmas sociais, que se pode citar a reação do diretor do *Diário de São Paulo*, contada por Bopp: “Rubens do Amaral perdeu a calma. Pediu



para acabar definitivamente com a página. Cresciam as devoluções de jornais, em protesto contra as notas que se publicavam” (BOPP, 1977: 44).

Além disso, pode-se fazer menção a questões de ordem pessoal sobre o fim da revista, relativas ao término do casamento de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral e o romance do escritor com a jornalista, artista plástica e escritora Pagu. Esta é apresentada no meio modernista pela própria Tarsila – contribuindo, na segunda dentição, com três imagens –, e passa a atrair a atenção do autor de *Pau-Brasil*, que escreve uma nota sarcástica sobre o caso: “Se o lar de Tarsila vacila é por causa do angu de Pagu”. Oswald viaja com Pagu para a Bahia em 1930, quando já havia rompido com a companheira com a qual esteve por nove anos.

O radicalismo de Oswald de Andrade em termos de suas ideias literárias e o questionamento que ele faz das ações dos outros modernistas o leva a um afastamento de muitos dos antigos companheiros de modernismo. Ao fim da revista, Oswald de Andrade já não tem a amizade de Mário de Andrade, de Antônio de Alcântara Machado e de Paulo Prado, dentre outros. Esses afastamentos acabam se tornando permanentes, marcando um período de isolamento desse autor, que continuará até sua morte, em 1954. Sua última filha, em depoimento após a morte do pai, conta que a casa, antes povoada de artistas, escritores e jornalistas, esvaziou-se, ficando seu pai esquecido nos últimos anos de sua vida.

Considerações finais

A *Revista de Antropofagia* é um projeto heterogêneo, formado por múltiplos textos, que formam uma espécie de bricolage autorizada do que os colaboradores entendem como “antropofagia”. Ela é um espaço de circulação, articulação e interseção de discursos, o que se faz por meio de tensões e ajustes. Suas margens são mais fluidas se comparadas aos livros, por exemplo, por encerram em si não apenas uma série de remissões a outras obras e autores mas também excertos de obras.

Entretanto, enquanto projeto coletivo, ela não é apenas o resultado da reunião de textos que se entrecruzam e de fragmentos de obras que estão completas em outros locais. É possível lê-la a partir de fora de suas páginas, em memórias, cartas, notas e outras fontes que atestam a coletividade do empreendimento. Se estendermos sua rede até seus leitores, percebemos que o caráter de confraria se manifesta também nesse espaço de difícil percepção.

O que se vê são tanto relações de amizade e amorosas quanto desavenças políticas, pessoais e de outras ordens. Estudar os “bastidores” da publicação pode ajudar a entender



como movimenta e se articula a rede de intelectuais modernistas nos últimos anos da década de 1920. Principalmente, nos mostra como, em fins da década de 1920, o radicalismo da principal revista modernista do período retira de cena certos autores consagrados no movimento, questionando e fazendo um balanço dos avanços do movimento, que não são considerados tão positivos assim. A “deglutição” dos próprios modernistas acaba isolando o escritor Oswald de Andrade de uma confraria maior, dos modernistas, e tem consequências duradouras sobre o conhecimento de sua obra.

Bibliografia

ANDRADE, Cénese. Epílogo. Encontros e desencontros de letras. In: ROCCA, Pablo. Un diálogo americano: modernismo brasileiro y vanguardia uruguaya (1924-1932). *Cuadernos de América sin nombre*, Alicante, Universidad de Alicante, 2006. n. 15.

ANDRADE, Oswald. Nova escola literária. *O jornal*. Rio de Janeiro, n. 2904, 18 maio 1928. In: BOAVENTURA, M. E. (Org.). *Os dentes do dragão: entrevistas*. São Paulo: Globo, 1990.

ANDRADE, Oswald. Schema ao Tristão de Athaide. São Paulo, *Revista de Antropofagia*, n. 5, set. 1928, p. 3.

ANTELO, Raul. *Na ilha de marapatá: Mário de Andrade lê os hispanoamericanos*. São Paulo, Brasília: HUCITEC/MinC/PRÓ-MEMÓRIA INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO, 1986.

ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2004.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Intelectuais na encruzilhada. Correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio Alcântara Machado (1927-1933)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *A vanguarda antropofágica*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. São Paulo: Editora Ex Libris ; Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

BOAVENTURA, Maria Eugênia (Org.). *Os dentes do dragão: entrevistas*. São Paulo: Globo, 1990.

BOPP, Raul. *Vida e morte da Antropofagia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1977.

CAMPOS, Augusto de. Revistas re-vistas: os antropófagos. *Revista de Antropofagia*. Edição fac-símile. São Paulo: Abril, Metal Leve S.A., 1975.

FERNANDES, Lygia (org.). *71 cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1965.

LARA, Cecília de. *Pressão afetiva: Cartas Antônio Alcântara Machado a Prudente de Moraes Neto*. São Paulo: EDUC, 1997.



MACHADO, Antônio de Alcântara. Um poeta e um prosador. São Paulo, *Revista de Antropofagia*, ano I, n. 5, p. 4, set. 1928.

MANIFESTO antropófago. São Paulo, *Revista de Antropofagia*, ano I, n. 1, p. 3 e 7, maio 1928.

MENEZES, Ana Lúcia G. L.. *Amizade cartedeira: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o grupo Verde de Cataguases*. São Paulo, Universidade de São Paulo, FFLCH, 2013. (Tese de doutorado).

MIRAMAR, João. Saibam quantos. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 7, p. 1, nov., 1928.

MORAES, Marcos Antonio de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2000.

PRIMEIRO congresso brasileiro de antropofagia. São Paulo, *Revista de Antropofagia*, *Diário de São Paulo*, 2ª Dentição, n. 15, p. 12, 19 jul. 1929.

SARLO, Beatriz. *Intelectuales y revistas: razones de una practica*. In: *America*, Cahiers du CRICCAL, Paris, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, 1992, p. 9-15.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.